

# Do ritual de abertura à emoção dos seriados

José Tavares de Barros

A série *Anos Dourados*, transmitida pela TV Globo, teve o mérito de recriar com verossimilhança os bons tempos do Colégio Militar e do Instituto de Educação, no Rio. Tão sensível essa reconstituição da década de 50 que, em alguns momentos, tive a impressão de que estava prestes a entrar em cena algum rapaz vestido com o uniforme de gala do São José, azul-escuro ou branco, conforme as estações do ano ou as posses dos progenitores. Estaria feito o retrato completo da nata que estudou na Tijuca, naquela época, entre a Saens Peña e a Praça da Bandeira.

Falhou a pesquisa da produção, no entanto, quando se tratou de recriar uma sessão do cine Carioca. Se o filme *O Suplício de uma Saudade* correspondia à época encenada, não é verdade que se anunciasse o título daquele modo, aquelas letras azuis ou vermelhas, sem graça, pregadas em fundo branco, que seriam adotadas bem mais tarde. Nas décadas de 40 e 50 o letreiro do Carioca era suntuoso. Letras esculpidas, provavelmente em madeira, com a face externa adornada de purpurina faiscante, numa superfície que cintilava à luz do dia ou dos holofotes. E havia vários jogos de letras, maiores ou menores, variando “milagrosamente” de acordo com o tamanho do título.

Prefiro recuar um pouco no tempo e entrar no Carioca lá por volta de 1947. Então, não se veria jamais aquela superfície branca, panorâmica, que o seriado da Globo nos mostrou. A tela no formato quase quadrangular mais bem composto com a arquitetura da sala, está escondida por espessa cortina de veludo ouro velho, sempre fechada. O ritual daquele templo do lazer exigia que o pano abrisse no exato momento em que o foco de luz do projetor cortava a escuridão que se fazia após o festival de luzes coloridas, progredindo do amarelo ao roxo e introduzindo a penumbra na sala.

No mesmo calçadão da praça, direção centro-bairro, logo após o Café Palheta, ficava o Tijuquinha, poeira, sem ar refrigerado, nenhuma solenidade no *hall* repleto de cartazes. O cinema simplesmente reprisava os sucessos dos circuitos lançadores, entre outros o formado pelo São Luís, Rian, Vitória, Carioca. Lembro do Tijuquinha pelos preços camaradas: “meia” e “estudante” a mil e cem, enquanto os cinemas grã-finos cobravam três e trezentos. Lembro também de algumas matinês superlotadas e suadas, como aquela da Semana Santa, quando a Vida de Cristo passava com um Roy Rogers como complemento.

Mas quero passar adiante e descansar meus pés nos tapetes do Metro Tijuca, o mais espetacular dos cinemas

da praça. Acompanhei passo a passo sua construção, nos últimos anos da guerra, eu era menino lá com meus oito ou nove anos. O *hall* de espera dos Metro não ostentava os mármore de algumas das salas do Severiano Ribeiro, mas era certamente muito acolhedor com aquele cheirinho de ar de montanha. Abertas as portas de aço ao final das lotadas sessões dos sábados e domingos, a gente corria pelo declive dos corredores laterais, em busca dos melhores lugares (A sétima fila da platéia? A primeira fila do balcão? Nunca foi possível um consenso nessa matéria). Uma leitura rápida do programa individualizado anunciando, com as próximas estréias, a música a ser tocada nos intervalos. Mas o melhor mesmo era o ritual da abertura da cortina. É preciso lembrar que, antes de cada sessão, havia sempre a projeção de uma placa de vidro, com desenhos de flores, peixes ou outros motivos, sobre a cortina, de tons geralmente claros. Quando as luzes da platéia diminuía, as cores do *slide* se acentuavam por um momento. Logo a cortina se abria e, antes de encher a tela, o *slide* era substituído pelo letreiro branco do *Jornal da Tela*. Depois, o Metro tinha o prazer de anunciar sua próxima atração. E nós nos sentíamos realmente atraídos por conhecer mais um *hit* da temporada cinematográfica, fosse ele o sucesso convencional de *Escola de Serreias* ou a novidade de um *Ladrões de Bicicleta* que o Metro teve a ousadia de exibir.

Quero terminar falando dos seriados. No Rio, ficavam mais ao meu alcance as matinais domingueiras do cine América, nos horários de 9 e 11 horas. Era um grupo bem grande que saía correndo do colégio, após a missa das 8 e meia, o dinheiro destinado ao café servindo para pagar a entrada de dois e duzentos. O programa constava de atualidades, desenhos e *shorts* esportivos. E culminava com o seriado: *Capitão América*, *As Aventuras do Zorro*, *O Arqueiro Verde* são alguns títulos que ficaram bem gravados nos meus olhos. Essas lembranças me fazem voltar, alguns anos antes, ao Minas Cinema, em Muriaé, cidade da Zona da Mata mineira, onde eu passava as férias escolares.

A sala de projeção era pequena, dotada de modestas cadeiras de palhinha. A tela, sem cortina, cobria-se de um sem-número de riscos e de manchas, escondendo a brancura há muito perdida. Numa das paredes laterais, o cartaz gigantesco anunciava a exibição de *Hello, Frisco, Hello* para um domingo provavelmente remoto. O Minas Cinema possuía apenas um projetor de 35 milímetros. Por isso, cada sessão incluía quatro ou cinco inter-



Arnaldo Pinto

*O Carioca foi inaugurado no final da década de 30 e ainda hoje é um dos mais imponentes cinemas do Rio.*

rupções que se multiplicavam quando a cópia era velha demais e arrebatava de quando em quando. Com tudo isso, as sessões do cineminha de Muriaé obedeciam a um ritual incorporado à maioria dos habitantes, convocados diariamente por sirene poderosa e característica, ouvida em todo o centro da cidade. A programação das terças-feiras era reservada para os seriados, precedidos por um filme B de aventuras. Exibia-se *A Deusa de Joba* e o suspense no final de cada capítulo condicionava as conversas da garotada por uma semana inteira. Eram emocio-

nantes, de fato, as imagens daqueles homens-pássaros que, ao som de um gongo, desapareciam em sua cidade misteriosa. Fotogramas desse e de outros filmes, subprodutos dos acidentes habituais da projeção, eram disputados a tapa para prover o equipamento caseiro de cada um: uma caixa de sapatos, a abertura com um suporte para receber o fotograma, a lente feita de uma lâmpada comum, esvaziada de seu conteúdo e enchida com água. As telas brilhavam nos quartos escuros, realimentava-se a emoção pelo cinema.